

Métis

História&Cultura

v. 13, n. 26, jul./dez. 2014

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

Presidente:
Ambrósio Luiz Bonalume

Vice-presidente:
Carlos Heinen

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:
Evaldo Antonio Kuiava

*Vice-Reitor e Pró-Reitor de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Odacir Deonísio Graciólli

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
José Carlos Köche

Pró-Reitor Acadêmico:
Marcelo Rossato

Diretor Administrativo:
Cesar Augusto Bernardi

Chefe de Gabinete:
Gelson Leonardo Rech

Coordenador da Educs:
Renato Henrichs

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldó Rech (UCS)
Asdrubal Falavigna (UCS)
Cesar Augusto Bernardi (UCS)
Jayme Paviani (UCS)
Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)
Márcia Maria Cappellano dos Santos (UCS)
Paulo César Nodari (UCS) – presidente
Tânia Maris de Azevedo (UCS)

Nota

Informamos o afastamento da professora Luiza Horn Iotti da editoria da *Métis*. Editora responsável pelos volumes 9, 10, 11 e 12 (números 16 a 26), e por sua implantação no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER). Esta é a última edição sob sua organização. À ela nosso agradecimento.

Revista Métis

EDITORIA

Luiza Horn Iotti
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Artur Henrique Franco Barcelos
Universidade Federal do Rio Grande FURG, Brasil

Benito Bisso Schmidt
UFRGS, Brasil

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos
Unisinos, Brasil

Fabio Vergara Cerqueira
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Gunter Axt
Unilassalle, Brasil

José Martinho Remedi
Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Marília Conforto
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil

Natalia Pietra Méndez
UFRGS, Brasil

Rejane Barreto Jardim
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Renato Pinto
UFPE / MAE-USP, Brasil

Roberto Radünz
UCS e Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Tiago Bernardon de Oliveira
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

CONSELHO CONSULTIVO

Alexandre Hecker
Makenzie/IHGSP

Angelo Trento
Universidade de Nápoles, Itália

Arno Wehling
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Brasil

Chiara Vangelista

Università degli Studi di Genova, Itália

Cícero Galeno Lopes
Unilasalle

Claudio Batalha
Unicamp

Eliana Relá
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil

Heloisa Pedrosa de Moraes Feltes
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil

Isabel Bilhão
Unisinos, RS, Brasil

Ironita Adenir Policarpo Machado
UPF, Brasil

José Octávio Serra Van-Dúnem
Faculdade de Direito/Universidade

Agostinho Neto / Angola

José Miguel Arias Neto
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Luis Fernando Beneduzzi
Università Ca' Foscari, Veneza, Itália

Marcelo Bittencourt
Universidade Federal Fluminense

René E. Gertz
PUCRS/UFRGS, Brasil

Silvio Marcus de Souza Correa
Universidade Federal de Santa Catarina

Tania Regina De Luca
Unesp, Brasil

Métis

História&Cultura

v. 13, n. 26, jul./dez. 2014



EDUCS

Capa: Thanara Schönardie

Foto da capa: Fernando Bueno

(detalhe da fachada de um prédio na Praça da Alfândega – Porto Alegre – RS)

Editoração: Traço Diferencial

Revisão: Organizadores e autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

M592 Méteis : história & cultura / Universidade de Caxias do Sul – v. 1. n. 1
(2002). – Caxias do Sul, RS : Educs, 2014.

v. 13, n. 26 (jul./dez. 2014)

Semestral

Disponível também: World Wide Web (<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>)

ISSN online 2236-2762

1. História. 2. Cultura. I. Universidade de Caxias do Sul.

CDU 2. ed.: 94

Índice para o catálogo sistemático:

1. História	94
2. Cultura	008

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Carolina Meirelles Meroni – CRB 10/2187

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197

Home page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



Sumário

Apresentação / 7

Dossiê: História, Sexualidade e Educação / 14

Eu não quero voltar sozinho: uma breve reflexão sobre sua censura no cine educação do Acre em 2011 / 15
I don't want to go back alone: a brief reflection upon its censorship at Acre's cine education in 2011

Anderson da Cruz Nunes

Ângela Pereira Oliveira

Aristeu Elisandro Machado Lopes

Canetas coloridas ou mini-skates? Coisas de meninas e coisas de meninos na cultura escolar / 31

Colorful pens or mini skates? girls' and boys' stuffs at school

Fernando Seffner

Luciano Ferreira da Silva

Mídia e homoerotismo: breves reflexões sobre as possibilidades de uma educação midiática / 61

Media and homoeroticism: brief reflections about the possibilities of a mediatic education

Anderson da Cruz Nunes

Edgar Ávila Gandra

Mario Marcello Neto

Sexualidade e poder: os ensinamentos amorosos de Ovídio em confronto

com a ordem visual da *Urbs* de Augusto / 77

Sexuality and power: the loving teachings of Ovid in confrontation with the Urbs Augusto

Ana Lucia Santos Coelho

Parada *gay* de Pelotas nas páginas do nuances: imprensa, visibilidade e política / 101

Pelotas pride parade in the nuances magazine's pages: press, visibility and politics

Fabiano Pretto Neis

Fábio Vergara Cerqueira

“Alegria carnaval”: sujeitos marginais e sexualidade em cena no Brasil da redemocratização no álbum Mato Grosso (1982) / 121

“Alegria carnaval”: subject marginal and sexuality in the scene in brazil democratization in brazil, through the performer's Ney Matogrosso in album Mato Grosso (1982)

Robson Pereira da Silva

Pornochanchada ou filme histórico? Uma análise do erotismo em Iracema: a virgem dos lábios de mel – 1979 / 151

Pornochanchada or historical film? An analysis of erotism in Iracema: a virgem dos lábios de mel – 1979

Luis Alberto Gottwald Junior

Artigos / 169

Nacionalismo, autoritarismo e desenvolvimento no Brasil de Vargas / 171

Nationalism , authoritarianism and development in Vargas of Brazil

Luciano Aronne de Abreu

O paradoxo na história do poder punitivo moderno: entre a pretensão sistematizadora e a manifestação usurpadora e totalitária / 185

The paradox in the history of modern power punitive: between the systematizing pretension and the expression totalitarian usurper

Jackson da Silva Leal

Resenha / 213

SIQUEIRA, Sônia. O momento da Inquisição. João Pessoa: Ed. Universitária / 215

Wallas Jefferson de Lima

**Formas de educação, homoerotismo e construção de gênero:
da sala de aula às mídias, da música ao cinema – entre o poder
e a política, afirmações e negações da normatividade sexual**

É com sentimento de dever cumprido que apresentamos este dossiê – “História, Sexualidade e Educação” (n. 26) – resultante da continuidade da parceria entre a revista *Métis – História & Cultura*, e a área de História da Universidade Federal de Pelotas, através de seu Programa de Pós-Graduação e de seus cursos de graduação, por meio da iniciativa de professores envolvidos em projetos institucionais relacionados, num primeiro momento, à diversidade sexual e, por aprofundamento e extensão, aos liames entre os três termos do trinômio que motiva o presente dossiê. Esta parceria iniciou em 2011/2012, na elaboração do dossiê “Homoerotismo e Diversidade” (n. 20), naquela ocasião com a colaboração do Prof. Dr. Renato Pinto (UFPE), acolhendo a temática e textos a ela relacionados, entre os quais importantes contribuições que alavancaram a Primeira Jornada da Diversidade Sexual, promovida em 2011 pelo Instituto de Ciências Humanas da UFPel.

Em 2013, realizamos a Segunda Jornada da Diversidade Sexual, já sob a chancela do Núcleo de Pesquisa da Diversidade Sexual (NPDS), que surgiu precisamente para estimular a sinergia entre pesquisa e ações ligadas aos temas da sexualidade, do conhecimento histórico e do ensino. Os professores da UFPel atuantes neste núcleo uniram esforços para a realização deste jornada e, com o fito de multiplicar o seu efeito, propuseram aos editores da *Métis* este dossiê, agora com a perspectiva de entrelaçamento temático e disciplinar que marca a atuação de nosso referido núcleo, formado em 2011, com o escopo de facilitar a aproximação entre pesquisa / ensino, assim como universidade / escola. Segundo o Professor Anderson Nunes, à época atuante como acadêmico, a ideia de criação deste núcleo decorreu “do tempo em que vivemos, em que os padrões de normatividade são postos em dúvida, quer seja pela mídia, quer seja pelas instituições, ou ainda pelos próprios movimentos sociais pós 1960”.

A ligação da História da UFPel com a temática enraíza-se lá em 2000, quando foi promovido o primeiro evento relacionado ao assunto na universidade, cujo título não remetia à *diversidade sexual*, como em 2011, mas a *homoerotismo*, evitando-se assim o termo *homossexualismo*, já naquele momento visto como contaminado por preconceitos. Naquela época, havia pouquíssimos trabalhos na UFPel sobre o tema, e estes eram capitaneados pela aliança entre História e Antropologia, com destaque ao trabalho de orientação da antropóloga Profa. Dra. Flávia Rieth que, de certo modo, deu o *start* à linha de pesquisa em nossa instituição, cujo trabalho de Gláucia Lafuente Monteiro, no final dos anos 90, sobre a fama *gay* de Pelotas, pode ser considerado o marco zero. Diferentemente, hoje, várias áreas de conhecimento somam massa crítica para pensar o assunto. Com o passar do tempo, porém, pela nova dimensão que tomou, deixou de fazer sentido propor um evento sobre *homoerotismo* em si, isoladamente. A perspectiva da *diversidade sexual* está mais em sintonia com as tendências atuais de estudo, bem como de movimentos sociais.

Do ponto de vista intelectual, os estudos da diversidade sexual avançaram *pari passu* à perspectiva *queer* na História e nas Ciências Sociais em geral. Ou seja, uma compreensão não normativa da história que, ao mesmo tempo, enxergue as sociedades humanas, do presente, assim como do passado próximo e distante, não como corpos homogêneos, mas como sociedades tecidas pela diversidade e multiplicidade em todos os sentidos, contribuindo assim para se consolidar uma percepção caleidoscópica do passado e do presente históricos.

Do ponto de vista político, a bandeira da diversidade sexual tornou-se um movimento emblemático nas democracias modernas, por significar um dos próximos passos a ser dado pela Modernidade, no incansável projeto iluminista de Emancipação da Humanidade, em termos de liberdade e dignidade humana, após muitos avanços já obtidos (mesmo que ainda longe de serem satisfatórios) pelos movimentos sociais focados em causas como o feminismo, o combate à discriminação racial, os direitos de indígenas e populações tradicionais e a inclusão de pessoas com necessidades especiais.

Em comparação ao combate ao racismo, à misoginia e à xenofobia, a diversidade sexual é uma bandeira mais nova, que inclusive redimensionou em prol de uma visão mais generosa a causa inicial levantada desde o final dos anos 1960 pelo movimento *gay*. É por isso,

inclusive, que muitas vezes o paradigma de diversidade segue sendo alvo de questionamentos, vindos de todos os flancos, pois bate de frente com as visões puristas e essencialistas ainda vigentes.

Alguns afirmam até que o preconceito aos LGBTTT é o único preconceito que publicamente muitos se veem no direito de externar, como se não infringissem direitos constitucionais, como se não fosse um ato condenável, advogando paradoxalmente o direito a tornarem público o preconceito, por meio de palavras e atos, como garantia da liberdade de pensamento, alimentados inclusive em suas certezas por usos discriminatórios de discursos religiosos. Não vemos ninguém afirmar, publicamente, que externar e praticar racismo seja uma forma de garantia da liberdade de expressão! Mas, no caso da diversidade sexual, há ainda grande tolerância, social e legal, com relação a estes preconceitos.

Daí que temos um importante papel a cumprir, como universidade, ao estudarmos, academicamente, a História do ponto de vista da diversidade, pois, inevitavelmente, chegamos à chamada *desnaturalização* de verdades universalizantes e tidas como “naturais” sobre a sexualidade (e geradoras de visões homogêneas normatizadoras).

É neste ponto que a perspectiva acadêmica entra em conflito com a perspectiva da militância, que, por vezes, contraditoriamente, opta, por instrumentalidade, por uma visão mais conservadora da História, encarando a sexualidade desde uma perspectiva naturalizada, homogênea e universalizante. Contudo, militâncias mais contemporâneas, influenciadas também pelos discursos acadêmicos, estão revendo conceitos sobre a relação da sexualidade com cultura e natureza. Mas este é um bom conflito! Digamos que um conflito travado no mesmo lado da trincheira. E, de fato, da perspectiva da Academia, precisamos “incomodar”, no sentido de gerar discursos “instabilizadores”, ao perscrutarmos a diversidade sexual ao longo da História, convidando a sair da zona de conforto dos conceitos ou preconceitos já consolidados, em que visões distorcidas do passado estão a serviço de convencer a sociedade de que preconceitos não são expressão da cultura, mas sim preservação do “natural”.

Ora, o campo de pesquisa histórica que se envolve com o tema não é epistemologicamente autocentrado. Depende sempre de uma perspectiva interdisciplinar. O curso e o Departamento de História da UFPel, as edições da Jornada da Diversidade Sexual, a criação do Núcleo de Pesquisa da Diversidade Sexual, somados ao PET Diversidade e

Tolerância, abriram espaço importante para estimular estes estudos, reflexões e pesquisas, no âmbito da graduação e pós-graduação, resultando inclusive em projetos de extensão, com aplicação de conhecimentos gerados pela pesquisa, focados no ensino na e formação docente. Ademais, há que se ressaltar que, nos últimos anos, avançou o interesse pelo assunto na área de formação pedagógica dos nossos licenciandos, na área de ensino de História, sobretudo pela realidade escolar e experiência da sala de aula. Deste modo, pela nossa prática, colocou-se como prioridade avançar na discussão sobre as interfaces entre História, Sexualidade e Educação.

Nesta senda, propusemos este dossiê, com o propósito de divulgar pesquisas que se desenvolvam na interface entre os campos da história, sexualidade e educação, aberto à multiplicidade de abordagens possíveis nos debates contemporâneos. Deste modo, contempla tanto a perspectiva focada na pesquisa histórica quanto no ensino. Confere vitalidade ao dossiê o fato de colocar em diálogo e potencial integração estudos feitos sobre a relação entre sexualidade e educação em diferentes períodos da história e sobre a relação entre história e sexualidade na prática do ensino. O dossiê abrange abordagens teórico-conceituais ou empíricas, assim como narrativas e avaliações de experiências, valorizando-se sempre a consistência empírico-documental, reveladora de realidades históricas e educacionais múltiplas. Com um espectro de estudos mais amplo e diversificado, temporal e geograficamente, o dossiê aproximou-se de seus objetivos – alternam-se estudos de caráter nacional e regional, estudos da história do presente, do passado recente e mesmo da Antiguidade. Os textos publicados proporcionam uma perspectiva interdisciplinar e contato com diversidade de fontes – que, em seu conjunto, propiciam uma visão multifocal.

* * *

Quatro eixos matizam, transversalmente, as sete contribuições que compõem este dossiê: educação, homoerotismo, construção de gênero e ação das mídias, sendo que questões relativas à política e ao poder são recorrentes.

A temática educativa está presente, num primeiro momento, com relação ao próprio sistema de ensino, seja no texto de Ângela Pereira Oliveira, Anderson da Cruz Nunes e Aristeu Lopes (UFPel), relacionado

a um projeto educativo implementado no Estado do Acre, seja no estudo da cultura material de sala de aula, das “canetas coloridas e mini-skates”, de Fernando Seffner e Luciano Ferreira da Silva (UFRGS). Já o ensaio de Mario Marcello Neto, Anderson da Cruz Nunes e Edgar Ávila Gandra (UFPel), sobre a relação da imprensa com o homoerotismo, reflete sobre o tema de uma perspectiva mais ampla, da chamada educação midiática. Por fim, o artigo de Ana Lucia Santos Coelho (UFES) mostra como a poesia amorosa na época imperial romana serviu também a uma educação da sexualidade, também em uma perspectiva ampla, mostrando um complexo jogo de aceitações e negações de normas (pretensamente) reguladoras.

A questão das mídias, por sua vez, se repete em três estudos. Além do texto sobre a educação midiática, o ensaio de Fabiano Pretto Neis e Fábio Vergara Cerqueira (UFPel) traz o tema das paradas *gays*, e de como estas são tratadas pela *mídia alternativa* ligada ao movimento *gay*, dentro de uma estratégia política de “asfaltar” a via da *visibilidade* como método de avanço dos direitos da população homoafetiva na sociedade brasileira, em particular, gaúcha. Por fim, o tema da mídia está no cerne do embate que envolve, no Estado do Acre, o uso educativo de uma produção do cinema nacional que tem como tema uma relação homoerótica, abordada no artigo de Angela Pereira Oliveira, Anderson da Cruz Nunes e Aristeu Lopes.

O eixo da construção de gênero está na base de três textos: o já citado texto sobre “as canetas coloridas e mini-skates”, que mostra como estes artigos, incorporados à cultura material escolar porto-alegrense atual, são configuradores, na realidade da sala de aula, de um processo normativo de construção de gênero, onde a imagem positivada da menina se vincula à de “boa aluna”, ao passo que a imagem positivada do menino, por mais paradoxal que seja, se associa à de “mau aluno”; o texto de Luis Alberto Gottwald Junior (UEPG), sobre o filme *Iracema: a Virgem dos Lábios de Mel* (1979), de Carlos Coimbra, que analisa o uso de ambiguidades na semântica sexual no cinema brasileiro da década de 70, em que elementos da *pornochochada*, identificáveis mesmo em filmes que não se enquadrariam à primeira vista neste gênero, como o caso em estudo, desempenhavam importante papel em termos de construção de gênero – e, mais interessante ainda, que estes significados não eram transparentes e unívocos, permitindo ambivalências, ao gosto do espectador. Por fim, o texto de Ana Lucia Santos Coelho, sobre os

ensinamentos amorosos de Ovídio na época do imperador Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), analisa, na *Ars Amatoria*, o processo de construção de gênero, observando ao mesmo tempo o estabelecimento de normatividades sexuais, mas, o tempo todo, os desvios que dela escapam – e isto como ingrediente dos ensinamentos ovidianos! Insinua os poderes libidinosos de Eros acima das regras do poder. É interessante observar que, enquanto a escola porto-alegrense observada por F. Seffner e L.L. da Silva, assim como a pornochanchada brasileira dos anos 1970, pesquisada por L.A. Gottwald Jr., atuam por caminhos variados, no campo de afirmação de normatividade sexual, a poesia amorosa de Ovídio, por sua vez, ainda que datada de vinte séculos, abre caminhos para uma sexualidade *queer* em plena Antiguidade. Rompem-se assim as barreiras entre o Antigo e o Contemporâneo, servindo o Antigo como paradigma para desconstrução de normatizações culturais naturalizadas.

O eixo do homoerotismo é predominante no dossiê, mostrando o grande interesse por esta linha de pesquisa, em consonância com o tom pungente que assumem, na cena nacional, os debates em torno deste tema.

E os assuntos abordados são muito diversos, em termos factuais: a homossexualidade em Roma, por Coelho; no Exército brasileiro, por Marcello Neto, Nunes e Gandra; no cinema nacional, por Oliveira, Nunes e Lopes, estudando a celeuma envolvendo seu uso educativo no Acre; as paradas *gays* de Pelotas (inicialmente, de 2002 a 2006, conhecidas como “Avenida da Diversidade”), por F.P. Neis e F.V. Cerqueira; e, por fim, a interessante análise do lançamento do álbum Mato Grosso (1982), por Robson Pereira da Silva (UFG), que traz à baila um tema muito interessante da recente história cultural brasileira, que é o lugar da homossexualidade na MPB dos anos 70 e 80, inicialmente masculina, depois também feminina.

Poder e política se fizeram presentes significativamente como eixos transversais: pelo viés teórico de abordagem foucaultiana, por exemplo no texto sobre a educação midiática, que aborda ainda a questão homossexual no interior do Exército brasileiro, com suas repercussões dentro e fora desta instituição, a partir do tratamento midiático do assunto; pelas tramas e tensões no Principado romano, por entre as quais os amores, aceitos e não aceitos, buscavam espaço e realização. O tema do poder aparece de forma muito interessante em dois destes estudos: no texto sobre as paradas *gays*, em que se analisam as tensões

políticas entre as organizações responsáveis pela promoção das paradas, os partidos políticos e as administrações municipais, assim como no texto sobre o cinema nacional da década de 1970, em que a imagem cinematográfica da liberdade sexual contrastava com a falta de liberdade política, o que não era algo casual, mas orgânico, integrante do sistema político e cultural da época.

No presente momento, em que o cenário nacional está sugerindo que, na consciência de nossa juventude, os fatos do período de exceção dos anos 1964-1985 estão demasiadamente afastados, a ponto de vermos jovens usarem sua liberdade para clamarem pela restrição da mesma por meio de golpe militar, pensamos que os dois textos analisando os liames entre sociedade, cultura e sexualidade nos anos 70 e 80, relativos à pornochanchada e à MPB, adquirem especial importância.

Como vemos, a leitura do conjunto destes textos proporciona, ao leitor, uma visão caleidoscópica e multifocal, podendo enxergar sob prismas variados temas abordados na interface entre História, Sexualidade e Educação, evidenciando ser este um campo muito profícuo de estudos, com ainda muito a avançar, na História antiga ou recente, em estudos teórico, empíricos ou mesmo aplicados. Não poderíamos concluir esta apresentação, sem antes lembrar que o leitor encontrará aqui distração e instrução, crítica sem ceder ao panfletário, instrução sedutora e por vezes divertida. O humor perpassa a narrativa das observações de cenas escolares, de Seffner e Ferreira, sem impedir a observação perspicaz de paradoxos, que destacamos aqui, ao leitor, como convite à reflexão:

“Os dados permitem supor conflitos entre os modos hegemônicos de construção da masculinidade e o ideal de bom aluno na escola.”

Pelotas e Heidelberg, 19 de novembro de 2014.

Fábio Vergara Cerqueira
Aristeu Elisandro Machado Lopes
Alessandra Gasparotto